



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE (FACETNO)
CURSO DE LICENCIATURA EM ETNODESENVOLVIMENTO

O PROTAGONISMO DAS MULHERES NA RESEX RIOZINHO DO ANFRÍSIO/PA

Luziane Pereira Matos

ALTAMIRA– PA

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE (FACETNO)
CURSO DE LICENCIATURA EM ETNODESENVOLVIMENTO

O PROTAGONISMO DAS MULHERES NA RESEX RIOZINHO DO ANFRÍSIO/PA

Luziane Pereira Matos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Etnodesenvolvimento, da Faculdade de Etnodiversidade, do Campus Universitário de Altamira da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado(a) em Etnodesenvolvimento

Orientador(a): Dr(a). Francilene de Aguiar Parente

ALTAMIRA– PA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M425p Matos, Luziane Pereira de.
O PROTAGONISMO DAS MULHERES NA RESEX
RIOZINHO DO ANFRÍSIO/PA / Luziane Pereira de Matos. —
2024.
27 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^ª. Dra. Francilene de Aguiar Parente
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Altamira, Faculdade de
Etnodiversidade, Altamira, 2024.

1. Mulheres ribeirinhas. 2. Reservas Extrativistas. 3.
Empoderamento feminino. I. Título.

CDD 300

Luziane Pereira Matos

O PROTAGONISMO DAS MULHERES NA RESEX RIOZINHO DO ANFRÍSIO/PA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Etnodesenvolvimento, da Faculdade de Etnodiversidade, do Campus Universitário de Altamira da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado(a) em Etnodesenvolvimento.

Data da aprovação: ____/____/____

Conceito: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Francilene de Aguiar Parente.
UFPA

Prof. Dr. William César Lopes Domingues
UFPA

Ma. Larissa Moura Lisboa Becker
UFPA

Agradecimentos

Primeiramente eu agradeço a Deus e meus pais que estavam do meu lado durante todo o meu percurso na Faculdade, um período difícil para mim vim estudar, porque uma pessoa que nem eu, ribeirinha filha de beiradeiro, se manter na cidade não é muito fácil, nós temos uma cultura em nossa região e mudei tudo para continuar meus estudos na cidade.

Hoje estou concluindo a Faculdade e agradeço os professores do Curso de Etnodesenvolvimento, Walker Franca Alves de Mesquita, Eliane da Silva Sousa Faria, William Cesar Lopes Domingues e os demais professores que ministraram as aulas durante o período do curso, por me repassarem conhecimentos que vou levar para a vida toda.

Em especial, para minha querida orientadora Francilene de Aguiar Parente que além de orientadora foi como uma mãe para mim; agradeço muito a ela porque eu nem pensava em retornar aos estudos e ela me deu uma oportunidade de voltar a estudar. Hoje só estou onde estou por causa dessa pessoa incrível, que entrou no meu caminho e nunca me deixou desistir dos meus sonhos, sempre me incentivando a não desistir dos meus estudos. Ela sempre esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis que passei quando estava estudando e passando por um processo em minha vida, mas ela sempre estava ao meu lado me apoiando, não tenho palavras para agradecer a pessoa tão especial que você é em minha vida.

Agradeço a essa turma maravilhosa que pude estar do lado durante esses 5 anos e tudo que nós enfrentamos juntos, como muitas lutas mais também muitas conquistas que adquirimos juntos durante todo esse tempo e sei que vamos levar para nossas comunidades.

RESUMO

“O Protagonismo das Mulheres na Resex Riozinho do Anfrísio” explora o papel central que as mulheres desempenham na Reserva Extrativista Riozinho do Anfrísio, localizada na bacia do Rio Xingu, na Terra do Meio/ Pará, mostrando como as práticas tradicionais e os conhecimentos das mulheres contribuem para a conservação dos recursos naturais e o desenvolvimento sustentável da região. O trabalho contextualiza a história de ocupação do território, destacando a importância da extração da borracha e a formação das comunidades ribeirinhas, assim como os desafios enfrentados pelas mulheres devido ao machismo enraizado, que perpetua a desigualdade de gênero na comunidade. O texto discute como as mulheres estão lutando por mais autonomia e pela preservação dos saberes tradicionais, como o uso de plantas medicinais e práticas de parteiras, que estão em risco de desaparecer, por meio das narrativas das mulheres ribeirinhas/extrativistas, com vistas a descortinar a invisibilidade das mulheres naquele território, colaborando para a promoção da igualdade de gênero, o desenvolvimento comunitário, o reconhecimento e a valorização do protagonismo feminino, essenciais para o futuro sustentável na Reserva Riozinho do Anfrísio.

Palavras-chaves: Mulheres ribeirinhas; Reserva extrativista; Empoderamento feminino.

ABSTRACT

“The Protagonism of Women in the Riozinho do Anfrísio Resex” explores the central role that women play in the Riozinho do Anfrísio Extractive Reserve, located in the Xingu River basin, in Terra do Meio/ Pará, showing how traditional practices and women’s knowledge contribute to the conservation of natural resources and the sustainable development of the region. The work contextualizes the history of occupation of the territory, highlighting the importance of rubber extraction and the formation of riverside communities, as well as the challenges faced by women due to deep-rooted machismo, which perpetuates gender inequality in the community. The text discusses how women are fighting for more autonomy and the preservation of traditional knowledge, such as the use of medicinal plants and midwifery practices, which are at risk of disappearing, through the narratives of riverside/extractivist women, with a view to uncovering the invisibility of women in that territory, contributing to the promotion of gender equality, community development, the recognition and appreciation of female protagonism, essential for a sustainable future in the Riozinho do Anfrísio Reserve.

Keywords: Riverine women; Extractive reserve; Female empowerment.

SUMÁRIO

Introdução	9
1. Locus da pesquisa - Reserva Extrativista Riozinho do Anfrísio	10
2. Machismo	12
3. Educação	13
4. Políticas Públicas	16
5. Renda	19
6. Violência	22
7. Saberes Tradicionais	24
Conclusão	26
Referências Bibliográficas	26

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo trazer à tona o protagonismo das mulheres da floresta da Reserva Extrativista (Resex) Riozinho do Anfrísio, um afluente do rio Iriri, na bacia do Xingu, em uma região conhecida como Terra do Meio, no município de Altamira-PA. Nossa história de ocupação neste território vem desde o tempo da borracha, com a migração dos primeiros seringueiros no final do século XIX, para a extração do Látex na região.

Depois do segundo ciclo da borracha, os padrões seringalistas, que se diziam donos do nosso território, foram enfraquecendo e aos poucos saindo do Riozinho do Anfrísio, e com isso muitos beiradeiros se mudaram dos igarapés afluentes para as margens do Riozinho em busca de adquirir seus próprios territórios e construir suas famílias abrindo seus lugares de moradia às margens do Riozinho.

Com isso, o conhecimento sobre a floresta vem tanto das experiências e práticas construídas durante mais de um século pelos migrantes seringueiros em nosso território, como do aprendizado junto aos povos indígenas da região que ali habitavam. Os seringalistas desenvolveram muitas atividades no período das primeiras crises do mercado da borracha, quando aprenderam a viver com a floresta para seus próprios sustentos e de suas famílias e atras de sua geração de renda, com o conhecimento que ali estava adquirindo na região as margens do Riozinho do Anfrísio dentro da floresta.

Com a natureza descobriram que poderiam extrair mais frutos dentro daquela região que ali habitavam, com a coleta de castanha, produção da borracha, copaíba, babaçu, colocando suas roças com macaxeira, mandioca, milho, jerimum e muitos outros produtos, caçando, pescando e usando a floresta para construir casas, produzir artesanato e cuidar da saúde com as plantas medicinais.

O trabalho sobre o “Protagonismo das Mulheres na Reserva Riozinho do Anfrísio” está fortemente relacionado à minha formação em Etnodesenvolvimento. Ele reflete os princípios do Etnodesenvolvimento ao explorar como o fortalecimento das mulheres pode contribuir para o desenvolvimento sustentável e a preservação cultural dentro das comunidades da Resex Riozinho do Anfrísio.

Por exemplo, a “Valorização dos Saberes Tradicionais”, que enfatiza o papel principal das mulheres na preservação de seus saberes, como o uso das plantas medicinais e práticas de parteiras, isso se alinha com os princípios do Etnodesenvolvimento, que visam a valorização e a interação dos conhecimentos tradicionais no desenvolvimento das comunidades. Também a “Autonomia e Desenvolvimento Comunitário”, com a luta das mulheres por maior autonomia e a importância de seu lugar na gestão do território, o que reflete os objetivos do

Etnodesenvolvimento de promover o desenvolvimento sustentável a partir da participação ativa das comunidades, respeitando suas culturas e modos de vida. “Políticas Públicas e Igualdade de Gênero, porque a formação em Etnodesenvolvimento também se preocupa com a criação de políticas que sejam culturalmente sensíveis e que promovam o bem-estar das comunidades tradicionais. “Sustentabilidade e Conservação Ambiental”, a importância da conservação dos recursos naturais como parte integrante do modo de vida das comunidades da Resex também é um tema central no Etnodesenvolvimento, que busca trabalhar o desenvolvimento com a preservação do meio ambiente.

O Curso de Etnodesenvolvimento forneceu as bases teóricas, metodológicas e práticas necessárias para que eu pudesse formalizar uma proposta de TCC, que não apenas respeitasse, mas também valorizasse, o papel das mulheres na Resex Riozinho do Anfrísio. Essa formação permitiu que eu elaborasse um trabalho que dialoga com as necessidades e realidades da comunidade, contribuindo para o desenvolvimento sustentável e a equidade de gênero.

Esse trabalho tem como objetivo analisar o papel e a influência das mulheres na Reserva Riozinho do Anfrísio, assim como investigar as práticas tradicionais e alguns conhecimentos transmitidos pelas mulheres em suas comunidades na Reserva do Riozinho Anfrísio e conhecer as contribuições das mulheres para a conservação dos recursos naturais e o desenvolvimento da Reserva, com vistas a descortinar uma atuação pouco conhecida.

Realizei meu trabalho na minha própria Reserva do Riozinho do Anfrísio, com três mulheres com conhecimentos ancestrais de nossas comunidades e teve como objetivo uma pesquisa sobre as seguintes temáticas:

- Machismo.
- Educação.
- Políticas Públicas.
- Renda.
- Saberes tradicionais.
- Violências.

1. Lócus da pesquisa - Reserva Extrativista Riozinho do Anfrísio

A Reserva Extrativista (Resex) Riozinho do Anfrísio é uma unidade de conservação federal do Brasil, categorizada como reserva extrativista e criada por decreto presidencial em 08 de novembro de 2004, com uma área de 736.340 hectares.

número de homens acima de 18 anos é de 131 homens. Informação que o ICMBio repassou de uma lista elaborada a partir do levantamento que foi aprovada pela assembleia de moradores e pelo Conselho Deliberativo da Resex em abril de 2024. O número expressivo de homens na Resex mantém um universo de regras e comportamentos dominados pela visão masculina de mundo.

2. Machismo

O machismo é um fenômeno complexo e multifacetado que se desenvolveu ao longo de milênios e tem suas raízes em várias culturas e sociedades. As primeiras civilizações, como a Mesopotâmia, Egito Antigo e Grécia Antiga, eram profundamente patriarcais; nessas sociedades as mulheres eram frequentemente vistas como propriedades dos homens e tinham direitos limitados. O machismo é um sistema de opressão baseado na ideia de que os homens são superiores às mulheres e esse sistema se manifesta em diversas formas de discriminação, violências e desigualdades de gênero. De acordo Unbehaum (2002, p. 2);

Essa ideia de ser mulher e de ser homem não nasce com o nosso corpo, na nossa carne, é a gente que inventa como ser mulher e homem. A única coisa que a gente aprende bem cedinho é que há machos e fêmeas na espécie humana. (UNBEHAUM, 2002, p. 2).

Djamila Ribeiro (2007) aborda o machismo de maneira abrangente, destacando suas raízes históricas e culturais. Ela enfatiza a importância de entender o machismo a partir de uma perspectiva interseccional; argumenta que as experiências de machismo não são uniformes e que fatores como raça, classe e orientação sexual influenciam a maneira como as mulheres vivenciam a opressão.

Eu antigamente tinha um esposo que não aceitou o meu estudo por causa do que as pessoas falavam: "mulher não era para estar na escola, mas sim na beira do fogão", porque os homens já têm o pensamento que as mulheres têm que cozinhar, lavar e cuidar das crianças. Mas não desisti dos meus estudos e hoje sou professora da minha própria comunidade, tanto eu quanto mais duas amigas Adriana e Givanilda.

Ribeiro (2007) discute como o colonialismo e a escravidão contribuíram para o machismo no Brasil. As mulheres negras, por exemplo, enfrentaram uma dupla opressão de raça e de gênero; a escravização desumanizou os corpos negros, particularmente das mulheres negras que eram submetidas a abusos sexuais e violência, perpetuando uma herança de marginalização e discriminação que persiste até hoje em nossa sociedade.

Como afirma Unbehaum (2002, p. 5);

Mas não é só a discriminação de gênero que causa desigualdade. Também tem a discriminação por causa da cor, da raça, da idade, da classe social. Uma mulher pobre e negra está no último lugar da escala social. (UNBEHAUM, 2002, p. 5).

Segundo Ribeiro (2007), a mulher vem sofrendo desde muitos anos. Eu como uma mulher negra, mãe de família e filha de ribeirinho, tive muita dificuldade em estar onde estou hoje, como estudante na Universidade Federal do Pará. Ouvi muito preconceito quando eu entrei na Faculdade, de mulheres mesmo de dentro de minha própria comunidade, que eu não tinha capacidade de terminar os estudos por causa de que eu era uma mulher e ribeirinha; algumas mulheres me diziam que o estudo não ia dar em nada; que eu só ficava sem esposo e que eu não tinha um por causa que eu só ficava na cidade estudando; iria morrer sozinha e eu só respondia que eu já tinha perdido muito os meus estudos e que agora eu não iria desistir por causa do que as pessoas falavam de mim.

Com isso, estou continuando com os estudos e vou alcançar meu objetivo que é mostrar para as mulheres que nós conseguimos quando queremos algo de melhor para nossa família. A falta de oportunidades educacionais para essas mulheres pode limitar suas chances de entrar e competir em pé de igualdade social.

Ribeiro (2007) também ressalta a importância do ativismo e da participação política na luta contra o machismo. Ela incentiva a mobilização social e a criação de políticas públicas que protegem os direitos das mulheres e promovem a igualdade de gênero.

Até hoje a mulher beiradeira continua lutando pelos seus direitos e mostrando para os homens que têm preconceito com as mulheres de seu próprio território, e que elas não servem somente para fazer tudo dentro de casa, mas também ainda estudar, querer construir uma realidade diferente para as mulheres ribeirinhas das Resex. Nas comunidades as mulheres estão mais participativas nas reuniões que acontecem nas Resex, para elas poderem entender um pouco sobre seus direitos também e correndo ainda mais para melhorar as vidas das mulheres das comunidades do Riozinho do Anfrísio.

3. Educação

A educação é uma ferramenta fundamental para combater o machismo na região; é crucial educar tanto os homens quanto as mulheres sobre a igualdade de gênero e desconstruir as normas patriarcais desde cedo; a conscientização e a discussão sobre o femismo e os direitos das mulheres são passos essenciais para criar uma sociedade mais igualitária.

As mulheres enfrentaram e ainda enfrentam diversas dificuldades em relação a educação. Muitas das mulheres mais velhas das comunidades chegaram na Reserva no período do segundo ciclo da borracha no século XIX. Durante esse período, a exploração intensiva da borracha atraiu uma quantidade de trabalhadores para a Amazônia, mas o desenvolvimento socioeconômico da região não acompanhou o crescimento populacional e com isso as mulheres enfrentaram dificuldades com o acesso à educação na região. Depois de muitos anos a primeira escola foi implantada em 2010, no Polo Morro do Anfrísio. Com a educação dentro da Resex, os pais tiveram que deslocar seus filhos, porque quem não morava no “Polo” onde era a escola não tinha o acesso aos estudos e a maioria das famílias depende do trabalho de todos os membros, principalmente as mulheres; isso reduz a oportunidade das meninas de frequentarem a escola regularmente.

Sou Luziane Pereira Matos, moradora da Reserva Extrativista do Riozinho do Anfrísio, cursei o Curso de Magistério para a formação de professores de dentro da minha própria comunidade e com essa formação muitas mulheres foram formadas professoras, sofrendo preconceitos tanto de seus parentes próximos, quanto de seus familiares.

Quando começamos a estudar no Magistério éramos nove mulheres, mas só quatro mulheres conseguiram se formar como professoras e três estão atuando em suas comunidades de pertencimento as outras desistiram, porque elas não tinham o apoio de seus esposos que até hoje tem preconceito com as mulheres que conseguiram alcançar seus objetivos; até hoje elas estão lutando mais ainda para que esses homens que têm preconceito conosco, mulheres que são moradoras do mesmo território que eles e tem a mesma cultura, porque uma mulher ribeirinha não tem direito a um cargo superior ao deles. Alguns de nós continuam estudando.

Para nós que estamos estudando na cidade fica mais complicado ainda. Por ser na Universidade Federal do Pará, os homens da região ficam com mais preconceito ainda porque as mulheres têm que se deslocar de suas comunidades para a cidade para que possam cursar seus estudos e a gente escuta muito dos homens que a mulher só vem para a cidade para ficar nas festas, por isso as mulheres optam por não estudar e nem trabalhar fora de casa.

Entrevista com a moradora da comunidade Boa Saúde dona Odaiza Oliveira Sousa, 53 anos.

Eu tinha um sonho de ter escola nas Resex por causa que eu não tinha educação e queria que meus filhos não fosse que nem eu que não sabia de nada, até que as escolas chegaram e eu comecei estudar junto com meus filhos e netos, mas tiver muito preconceito com que os homens falavam que eu depois de velha queria inventar de estudar, mas não dei muita bola para eles e agora esse ano eu termino o ensino fundamental, eu pensei que eu não ia conseguir por causa de muito preconceito sofri muito mas não desisti e se Deus quiser eu vou concluir meus estudos e mostrar que não tem idade para estudar e adquirir conhecimentos.(25 de abril de 2024).

Figura 2. Apresentação de trabalho escolar Boa Saúde/ Riozinho



Fonte: Matos/ 2024.

Conforme Unbehaum (2002, p.3);

O livro diz que a capacidade das mulheres de reproduzir, de engravidar contribuiu ao longo da história da humanidade para reforçar essa divisão. Durante muito tempo se imaginou que a principal função da mulher era ter filhos, cuidar deles e da família. Ao homem caberia garantir sustento, para que nada faltasse para a família e protegê-la. (UNBEHAUM, 2002, p. 3).

Figura 3. Apresentação de trabalho escolar Boa Saúde/ Riozinho



Fonte: Matos/ 2004.

As mulheres jovens estão estudando mesmo sendo mães e donas de casa. Essas jovens não estão se importando muito com seus maridos; elas estão adquirindo conhecimento externo e querem construir algo para deixar o legado para seus filhos, através de seus estudos e correndo atrás de seus sonhos para mostrar que nós mulheres podemos ser muito mais do que os homens pensam sobre uma mulher ribeirinha, ser mais que uma cuidadora de casa e servir seu marido, estão

correndo atrás de igualdade dentro de nossas comunidades. Mulheres jovens que estão dando continuidade aos seus estudos, mesmos sendo mães e donas de casa.

Arroyo (1998, p. 82) afirma que

A escola é mais um dos lugares onde nós educamos. Os processos educativos acontecem fundamentalmente no movimento social, nas lutas, no trabalho, na produção, na família, na vivência cotidiana. E a escola, que tem a fazer? Interpretar esses processos educativos que acontecem fora, fazer uma síntese, organizar esses processos educativos em um projeto pedagógico, organizar o conhecimento, socializar o saber e a cultura historicamente produzidos, dar instrumentos científico-técnicos para interpretar e intervir na realidade, na produção e na sociedade. A escola, os saberes escolares são um direito do homem e da mulher do campo, porém esses saberes escolares têm que estar em sintonia com os saberes, os valores, a cultura e a formação que acontece fora da escola (ARROYO, 1998:22).

Arroyo ressalta que os saberes escolares são um direito, mas devem estar em sintonia com os saberes e a cultura que se desenvolvem fora do ambiente escolar, reconhecendo a importância das experiências e conhecimentos adquiridos na vida cotidiana como parte do processo educativo. Ele sugere que a escola não deve ser um espaço isolado de formação, mas um lugar de articulação e reflexão sobre os saberes vivenciados na sociedade.

4. Políticas Públicas

Hoje, dentro das comunidades, as novas gerações de mulheres estão correndo atrás de mais políticas públicas para nós mulheres, tanto na educação quanto em cursos, e com mais disponibilidade para sair de seu território para conhecer outras políticas públicas em outras comunidades. Entretanto, temos mulheres que ainda não conseguem deixar seus maridos por que irão falar dela enquanto ela estiver em outro local, longe de seu esposo, mas nós temos mulheres em nossa região que estão adquirindo outros conhecimentos, levando para dentro das comunidades e repassando para as outras mulheres, o que temos de direito e como correr atrás desse direito. Muitas delas não tinham esse conhecimento pelos seus direitos que até hoje estavam sendo negados pelos homens que, muitas vezes sabiam e não repassavam para as suas esposas.

Moradora da Reserva Extrativista, Raissa em entrevista protestando pelo Ensino Médio para dentro das Reservas, as mulheres jovens de nossas comunidades estão tendo mais conhecimentos sobre os direitos que temos, nós povos da floresta. Hoje em nossa região a educação ainda está muito precária, o Ensino Médio ainda não tem em nossas comunidades, temos várias mulheres que terminaram o Ensino Fundamental e ainda não conseguiram concluir

os estudos porque não temos uma educação adequada e de qualidade em nossa região. Através de muitas lutas e fazendo greve, nesse ano de 2024 vai ter aula online em nossa região.

Figura 4. Moradora em entrevista para o SBT



Fonte: Matos/ 2024.

Nós estamos cada vez mais avançando por igualdade dentro de nossas casas com mais autonomia em suas decisões, estamos lutando para colocar uma mulher para ser presidente da Reserva Riozinho do Anfrísio para que ela consiga trazer melhorias para nós mulheres que moramos nessas localidades, com mais conquistas para suas famílias, e que os homens comecem a pensar que nós mulheres também podemos ser uma liderança de nossa própria Resex e podemos trazer melhorias para dentro dessas comunidades com mais inclusão para todas nós mulheres.

Hoje as mulheres têm menos acesso a ferramentas, áreas de trabalho e recursos financeiros, dificultando sua capacidade de competir em igualdade de condições, as mulheres dentro das Resex, e quando elas arrumam esses empregos dentro das comunidades a mulher também pode “ser alvo de violência física e sexual, além de assédio moral, tanto por colegas de trabalho quanto por membros de comunidades e pelos seus próprios maridos.” Mas estamos lutando por igualdade dentro de nossas comunidades.

O machismo em reservas extrativistas é uma questão complexa que afeta profundamente as mulheres que exercem atividades tradicionalmente dominadas por homens. Algumas das formas como esse machismo se manifesta em nossas comunidades, as mulheres frequentemente enfrentam a desvalorização de seu trabalho e conhecimento, sendo vistas como menos

competentes ou importantes do que o homens. As mulheres são tão dedicadas ao fazeres trabalhos domésticos ou fora de casa e na pesca entre outros afazeres, mais que os homens em nossa região.

Figura 5 e 6 - Mulheres fazendo trabalhos domésticos em casa

Figura 5



Fonte: Ana Maria, 2015.

Figura 6



Fonte: Ana Maria, 2015.

Nós mulheres estamos lutando para que isso não continue, mas dentro de nossas comunidades a realidade é muito diferente. Os homens são opressores com as mulheres da região desde há muito tempo, mas hoje as mulheres estão mais dedicadas nos estudos e atrás de melhorias para nós, e estamos tendo mais autonomia do que eles querem, tanto em nosso dia a dia quanto em reuniões comunitárias que acontece em nossas Resex.

Unbehaum (2002, p. 3) afirma que

A consequência disso é que os homens são responsáveis pelas principais decisões em todas as áreas: educação, saúde, política etc. Ou seja, homens e mulheres costumam ter papéis muito diferentes em cada sociedade, justamente pela forma como as nossas diferenças sexuais são percebidas e valorizadas. (UNBEHAUM, 2002, p. 3).

Em nossas Resex as lideranças e as posições de decisão frequentemente são ocupadas por homens, o que perpetua um ciclo de exclusão e marginalização das mulheres, e as tarefas mais pesadas e menos remuneradas são frequentemente atribuídas às mulheres, enquanto os homens ficam com as atividades mais valorizadas; em nossas comunidades as mulheres sempre “ajudam” o homem na roça e na pesca entre outros afazeres, temos mulheres que extraem copaíba e corta seringa para a retirada do látex para ter uma renda mensal.

Figura 7 e 8 - Mulheres ajudando seus maridos com o trabalho da mandioca

Figura 7



Fonte: Ana Maria, 2015.

Figura 8



Fonte: Ana Maria, 2015.

5. Renda

A maioria das mulheres que mora nas Resex não tem uma renda mensal, dependem de seus esposos que são eles que conhecem a mata melhor para poder extrair os produtos da natureza, porque as mulheres não são experientes o bastante para poder enfrentar uma onça, que é um animal que tem muito em nossa região. Com isso, as mulheres ficam mais vulneráveis, sem dinheiro para se manter; elas ficam totalmente dependentes de seu marido, precisando dele para comprar todo o necessário, com o recurso que eles dão para suas esposas.

A maioria das mulheres só recebe o recurso do governo que é o Bolsa Família e esse recurso não é o bastante para a mulher se manter o mês todo, porque esse recurso não é só delas, mas também dos seus filhos e a maioria das mulheres tem de cinco filhos ou mais. Como esse recurso que não dá para quase nada, estão sempre precisando de seus maridos e ouvindo o que você fez com esse dinheiro que eu lhe dei; eles são uns opressores contra nós mulheres. Mulheres trabalham junto com seu esposo na farinha e na pesca, com suas criações de galinhas e patos para vender entre as mulheres e entre outras comunidades.

Unbehaum (2002, p. 4) diz:

Mas o pior é que na nossa sociedade quase sempre as mulheres ficam com as tarefas e profissões que são menos valorizadas. Essa diferença acaba criando desigualdades e preconceito e aqui é que está o grande problema. As mulheres ganham menos do que os homens e a maior parte das profissões exercidas pelas mulheres são pouco valorizadas: empregada doméstica, babás, professora, enfermeira etc. (UNBEHAUM, 2002, P. 4).

Figura 9 e 10 - Renda das famílias do Riozinho do Anfrísio

Figura 9



Fonte: Ana Maria, 2015.

Figura 10



Fonte: Ana Maria, 2015.

Figura 11 - Mulher trabalhando com seu esposo para fazer farinha



2015 Riozinho do Anfrísio.

Fonte: Ana Maria,

Os homens das Resex já têm um pensar que a mulher tem que ser só dona de casa. Em nossa sociedade as atividades são divididas por gênero desde cedo, com homens sendo direcionados a trabalhos considerados “duros” ou “técnicos” e mulheres sendo colocadas em tarefas domésticas ou menos valorizadas economicamente.

Está faltando em nossas comunidades projetos de geração de renda específicos para mulheres, como cooperativas de produção, artesanatos e agricultura sustentável, ajudam a aumentar a autonomia econômica das mulheres e reduzir a dependência de sistemas patriarcais.

Estabelecer redes de apoio, tanto dentro das comunidades quanto com organizações externas (ONGs, governos, instituições internacionais), ajuda a fortalecer a luta das mulheres; com essas parcerias podem fornecer recursos adicionais e suporte. Para combater o machismo nessas

áreas, é essencial promover políticas inclusivas, fortalecer redes de apoio entre as mulheres, sensibilizar as comunidades sobre a importância da igualdade de gênero e fortalecer na educação e treinamento, também são fundamentais para capacitar as mulheres e mudar a percepção social sobre suas capacidades e direitos.

Na minha comunidade nós, mulheres, estamos correndo atrás de recurso para melhoria da renda das mulheres do Riozinho do Anfrísio, um dos projetos era do mesocarpo que é para a retirada da massa para fazer bolo, mingau e pão. Com a retirada desse produto, as mulheres tinham mais renda no final do mês, mas acabou o projeto e as mulheres que tinham suas rendas não estão tendo mais e isso é um descaso com as mulheres ribeirinhas de nossas comunidades de parar um projeto como esse em nossa região que era de grande valia para as mulheres.

Segundo o Plano de Manejo do Riozinho do Anfrísio,

Com o PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) acredita-se que o gargalo gerado pela dificuldade de escoamento da produção devido ao difícil acesso, que encarece os produtos dos extrativistas da Resex, será minimizado pela possibilidade de aquisição pelo PAA, para doação desses alimentos para as escolas do interior da Resex e cidades circunvizinhas, com a declaração de recibo emitida pela SEMEC (Secretaria Municipal de Educação), acessando assim a modalidade de doação simultânea. Desta forma, os preços operados por este programa serão atrativos para a realidade da Reserva. (Plano de manejo Reserva Riozinho do Anfrísio, 2010, p. 78).

Nas comunidades, hoje as mulheres estão tendo seu próprio dinheiro com a venda de merenda escolar para as escolas de suas comunidades; “Merenda Tradicional” de seus plantios que são feitos nas suas roças com a venda de macaxeira, mamão, limão, bolo de puba, bolo de macaxeira, peixe, molho de pimenta, entres muitos outros produtos que vêm trazendo renda para as mulheres em nossas comunidades com lucro bem elevado, que muitas delas nem pensava em pegar um dinheiro literalmente seu de seus esforços; as mulheres de minha região são muitos batalhadoras tanto na roça quanto nos demais afazeres que seu maridos chamam para lhe acompanhar, como na pesca e na caça, dentre outras tarefas.

Unbehaum, (2002, p. 3) afirma se;

Agora, você já reparou que a principal divisão que existe é entre homens e mulheres? A divisão sexual do trabalho, isto é, a divisão em tarefas masculinas e femininas, por exemplo, existe em todas as culturas. Mas esta divisão não está baseada em nossa natureza biológica (de machos ou de fêmeas), como se acredita muitas vezes. Uma tarefa considerada feminina numa sociedade pode ser encarada como masculina em outra: cultivar a terra, por exemplo, tanto pode ser uma tarefa feminina - entre os Bororo, indígenas do Brasil central, são as mulheres que trabalham a terra. (UNBEHAUM, 2002, p. 3).

Esse trecho nos faz refletir sobre como as tarefas consideradas masculinas ou femininas variam de acordo com a sociedade e a cultura, demonstrando que essas divisões não são naturais, mas construções sociais e desafiam a ideia das atribuições de gênero na sociedade.

6. Violência

Em entrevista, dona Francineide Rocha Machado me conta sobre sua luta com seu esposo opressor, pai de seus filhos e o que ela passou em suas mãos.

Figura 12 - Comemoração do Dia das Crianças Reserva Riozinho do Anfrísio



Fonte: Rocha, 2023

Relato contado por Dona Francineide;

Eu estava parida com o meu filho bem pequeno e minha filha e minha amiga Chiconá só estava nós na minha comunidade Praia Grande só em um barraco de lona em quanto isso meu marido estava em um festejo que era lá no Morro do Anfrísio não demorou nada lá vem uma chuva e aí o barraco molhou tudo eu fiquei de baixo de chuva mas a Chiconá e meus filhos pequenos e de resguarde, e quando ele chegou de manhã cedo ainda queria comida feita e roupa lavada e ele ainda apanhava de seu marido sem motivos algum, ela disse que sofre muito com agressões físicas e psicológica mas tinha medo de ficar sozinha com os filhos no beiradão, mas até que cansei e tive coragem de ficar sozinha em minha localidade com meus filhos e deu certo hoje estão todos criados sem a ajuda do pai só ajuda de Deus. (Francineide, Praia Grande, 02/04/2024, Riozinho).

A dona Francineide é uma grande guerreira, assim como as outras mulheres mais velhas das comunidades, porque antigamente a agressão contra essas mulheres dentro dessas comunidades eram mais frequentes. Por seu relato fica evidente que, na época, as mulheres sofriam muito,

tanto com a agressão quanto com o trabalho braçal nas roças, caças e cuidar de casa e ainda tinham que ouvir coisas inadequadas que abalava o psicológico dessas mulheres de minhas comunidades. E ela também é uma grande representante em sua comunidade, em sua localidade era a onde as mulheres iam vender seus produtos de mesocarpo, porque lá tem uma Miniúsina para guardar os produtos que ela recebia das mulheres das comunidades da região, mas hoje a Miniúsina está fechada porque acabou a venda dos produtos em nossa região.

Atualmente ainda temos em nossas comunidades a agressão física contra nossas mulheres dentro das Reservas Extrativistas, mas são mais poucas, as mulheres hoje têm um pensamento diferente das mulheres mais velhas das comunidades; elas estão estudando e tendo o conhecimento de seus direitos.

A violência contra mulheres no campo revela uma situação preocupante. De acordo com o Atlas da Violência de 2024, houve um aumento significativo nos casos de violência contra mulheres em áreas rurais. Em 2022, foram registradas pelo menos 32.448 denúncias de violência doméstica e familiar em áreas rurais, as dificuldades de acesso a serviços de apoio e a maior proximidade com os agressores devido ao isolamento geográfico agravam o problema nessas regiões.

Relato contado pela Dona Francineide de seu irmão que vivia com sua esposa e seus filhos em cárcere privado durante anos por conta do poder patriarcal que vem de geração em geração em sua família. Na minha Resex tem um homem que mantinha sua esposa e seus filhos em cárcere privado dentro de casa e só saía de dentro de casa se fosse para o mato caçar ou para a roça; dentro da cozinha só podia entrar se fosse mulher, os homens tinham que ficar na sala com ele. Eu fui um dia com meu pai e minha mãe na casa dele e presenciei tudo que os moradores falavam entre as comunidades, mas eu não acreditava, só quando eu vi mesmo que acreditei e era verdade. O meu pai contou que homem não entra dentro da casa dele sem camisa e que esse modo de vida dele já vem de geração em geração. Com isso, seus filhos foram fugindo de um por um porque ele não tinha a liberdade que as outras pessoas da comunidade tinha. Uma de suas filhas que fugiu de canoa de madrugada quando ele estava dormindo só assim para escapar de seu pai; eles não tinham acesso à educação por conta que seu pai não deixava eles irem para a escola, tinham o direito negado por seu próprio pai de ter uma educação e adquirir conhecimentos diferentes de sua própria localidade, mas esse acesso era negado.

Elas sofriam muito ainda mais as mulheres e sua mãe que ela deixava suas filhas fugirem, mas ela não conseguia ir embora; as mulheres perguntavam porque ela não ia embora e ela dizia que não iria arrumar outro marido para cuidar de seus filhos, por isso ela aguentava tudo sozinha. Isso que ela pensava vem de geração em geração ‘que se a mulher se casasse tinha que viver

com o pai de seus filhos até a morte sofrendo e apanhando, mas tinha que continuar com seu marido'. e então, seus filhos foram todos embora e por último foi sua esposa que não aguentou ser maltratada pelo seu marido, que hoje vive sozinho em sua localidade sem seus filhos e sua esposa.

A mulher na minha região vem sofrendo desde o segundo ciclo da borracha que foi quando a os seringueiros vieram para a extração do látex que as mulheres são humilhadas pelos homens.

Mas o fundamental foi conviver naquele lugar, mesmo em outro tempo. Desde então venho defendendo uma perspectiva mais etnográfica da pesquisa histórica, o que a história oral permite e propicia. (WOLFF, 2011, p. 27).

Aqui a autora defende a importância de uma abordagem etnográfica na pesquisa histórica, enfatizando que a convivência e a experiência direta no local de estudo podem proporcionar uma visão interna mais profunda e uma compreensão mais autêntica do contexto histórico, a história oral é destacada como uma ferramenta valiosa nessa perspectiva.

7. Saberes Tradicionais

Os saberes das mulheres estão se perdendo e as mulheres mais velhas estão preocupadas com essas tradições que estão se perdendo dentro das comunidades através da fala de dona Francineide.

Dona Francineide em entrevista;

Ela afirma que está sempre falando as mulheres de hoje em dia que elas não são como elas que sabiam cuidar de seus maridos e filhos e não eram reconhecidas pelos seus esposos na época, hoje em dia as mulheres não sabem fazer um chá de ervas medicinais para seus filhos é só remédio de postinho de saúde e que suas culturas estão se perdendo por causa desses remédios de farmácias que vão para as comunidades e a nova geração de mulheres não sabem para que server os chás feitos como antigamente em nossas comunidades na Reserva Riozinho do Anfrísio. (Francineide, Praia Grande, 02/04/2024, Riozinho).

As mulheres mais velhas estão morrendo e seus saberes estão morrendo junto com elas, porque a nova geração não toma iniciativa para poder aprender os conhecimentos tradicionais que estão se perdendo em nossa região. Hoje, a maioria das mulheres não são parteiras e em nossa região temos só três parteiras; quando elas não estiverem mais ao nosso lado o que vamos fazer, porque, em nossa região, antigamente, as mulheres não tinham condições para chegar até a cidade por causa da distância e as cachoeiras que tem durante o percurso até chegar à cidade.

Relato de Dona Odaíza;

Eu só levantei assim ó, mexi por baixo e levei pro lugar, a gente sente quando vai pro lugar. Quando acabei, rezei. Quando ele saiu de lá, saiu com o braço bonzinho. Desde o outro dia que ele esperava pelo médico.” Odaíza Oliveira Souza. Dazinha, 39 anos, Boa Saúde, 2015. (Livro Terra do Meio).

Moradoras da Reserva Extrativista do Riozinho do Anfrísio, Odaíza Oliveira de Sousa e Madalena Freires, duas mulheres guerreiras de minha comunidade e que tem um conhecimento diferenciado com as suas tradições com a reza, parto e chás de ervas medicinais que elas aprenderam com suas mães e estão tentando passar para a nova geração para que esses saberes tradicionais não se percam.

Figura 13 e 14 - As ancestrais rezadeiras, parteiras e elas fazem chá de ervas medicinais com os produtos extraído na natureza

Figura 13



Fonte: Ana Maria, 2015.

Figura 14



Fonte: Ana Maria, 2015.

As mulheres antigamente tinham que aprender a fazer chás, plantar ervas medicinais, ser parteira, rezadeira entre outras atividades que seus pais lhe ensinavam. Nesse período, os adolescentes se dedicavam para poder aprender e tinham mais curiosidade de saber como se fazia os chás e perguntavam para que servia o chá, e o mesmo para o rezador e a parteira; hoje essa cultura está sumindo de nossa região. As mulheres que eram de obrigação aprender fazer os partos, porque como a região fica distante da cidade elas tinham suas crianças em suas próprias localidades.

Receita da Dona Maria de Chás com produtos extraído da floresta em nossa região,

Pega a presa da queixada e bota no fogo. Quando ela tá queimando que já tá pra virar um carvão, você tira e quebra ela, pisa num canequinho que é pra botar num chá. Chá de hortelã, de erva cidreira, qualquer um chá, pra não dar

ela pura. E coloca os dois: a castanha do caju e a presa do queixada. É bom quando faz com mastruz. Toma duas ou três vezes no dia, uns três dias que já vê se a pessoa sarou. Esse remédio eu aprendi com a minha mãe, muitos remédios que eu faço eu aprendi com ela. Maria Madalena Freires da Silva, 68 anos, Morro Verde, Riozinho do Anfrísio, 2015. (Livro Terra do Meio).

Em algumas comunidades tradicionais os conhecimentos e práticas de rezadeiras, parteiras e outros curandeiros são valorizados e respeitados, especialmente porque esses saberes são transmitidos de geração em geração com uma saúde melhor e o bem das comunidades.

É importante reconhecer que há um movimento entre os povos de comunidades tradicionais para recuperar e valorizar esses conhecimentos tradicionais, reconhecendo sua importância para a diversidade cultural e a saúde das comunidades.

Wolff fala que “Na história das mulheres, a gente se acostuma a fazer pesquisa como se faz uma investigação policial.” (WOLFF, 2011, p. 25). Essa citação ilustra a complexidade e o desafio de pesquisar a história das mulheres, comparando o processo a uma investigação policial, isso sugere que os historiadores, leia-se pesquisadores, precisam ser meticolosos e diligentes ao buscar vestígios e evidências de mulheres que foram historicamente invisibilizadas.

Conclusão

Com esse trabalho na minha Reserva do Riozinho do Anfrísio, pude perceber a luta das mulheres dentro de suas próprias comunidades contra o machismo e as culturas locais que perpetuam a desigualdade de gênero e revelam um processo de resistência, e nós mulheres temos desafiado as normas tradicionais que muitas vezes não nos reconhecem e estamos buscando não apenas igualdade, mas também o reconhecimento de suas contribuições dentro dessas comunidades.

Ao confrontarem o machismo enraizado nas culturas locais, elas promovem uma transformação que vai além das questões de gênero, abrangendo também a valorização de saberes tradicionais e a construção de uma sociedade mais inclusiva e justa, e o movimento dessas mulheres mostra que a luta pela igualdade de gênero é essencial para a sustentabilidade e o desenvolvimento das comunidades de nossa região.

Referências Bibliográficas

ICMBio. **Protocolo de Consulta do Riozinho do Anfrísio**, 2023. Ministério do Meio Ambiente – MMA Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio – 2010.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017.112 p.

UNBEHAUM, Sandra. **Entendendo o que é Gênero.** Da Teoria À Ação Pedagógica em Diversidade Sexual. Comunicação em Sexualidade (ECOS). Disponível em:

<https://www.google.com/search?q=Entendendo+o+que+%C3%A9+G%C3%AAnero.+Sandra+Unbehaum&sc_esv=>> Acesso em 08 de agosto de 2024.

VILLAS-BOAS, André; ANDRADE, Anna Maria; POSTIGO, Augusto (Orgs.). **Terra do Meio/Xingu:** os saberes e as práticas dos beiradeiros do Rio Iriri e Riozinho do Anfrísio no Pará. São Paulo: ISA - Instituto Socioambiental, 2017.

WOLFF, Cristina Scheibe. Mulheres da Floresta: outras tantas histórias. **Revista Estudos Amazônicos.** Vol. VI, nº 1 (2011), pp. 21-40